



IDENTIDADE E COMPETÊNCIA DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Marilze Wischral Rodrigues^{1*}

A busca pelo conhecimento científico é útil e necessária para embasar a prática educacional. Com o avanço da globalização e o progresso da ciência e da tecnologia, são muitos os desafios que se apresentam neste início de século XXI. Na educação, em geral, e, na educação cristã, em específico, o conhecimento científico deve aliar-se aos interesses daqueles para quem o conhecimento pode ser veiculado, desenvolvendo, assim, com mais propriedade a arte de educar e respondendo às inquietações da humanidade. Com esse intuito, o presente artigo pretende explorar o conceito de educação, de educação cristã e sua tarefa, identificando o espaço e as condições para contribuir no processo de desenvolvimento dos seres humanos na prática e vivência da fé cristã.

I. EDUCAÇÃO

A educação é apontada “como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social”², diante das guerras, opressões e injustiças cada vez mais declaradas e insuportáveis. A educação, como “uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades”³, tem sua importância indiscutível. No entanto, é preciso buscar pelo sentido etimológico da palavra para compreender a complexidade do ato de educar.

1* Professora de Fundamentos da Educação Cristã e Didática e Educação Cristã, no curso de bacharelado em Teologia, na Faculdade Luterana de Teologia (São Bento do Sul/SC), e mestranda em Teologia pela EST/IEPG, São Leopoldo/RS. Este artigo é parte integrante de dissertação do mestrado intitulada: *Formação Continuada de Educadores Cristãos – Vivendo a fé cristã no Culto Infantil*. São Leopoldo, EST/IEPG 2007.

2 Jacques DELORS (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. 6.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO 2001, p. 11.

3 José Carlos LIBÂNEO. *Didática*. 7. reimpr. São Paulo: Cortez 1994, p. 16-17.

O dicionário etimológico, ao explicar o significado da palavra *educação*, apresenta o termo *educar* e indica a sua origem latina *educare* e o termo *eduzir* do latim *educere* e o define como “extrair, deduzir”.⁴ O mesmo dicionário apresenta, em relação ao termo *educação*, a expressão *dúctil* do latim *ductilis*, sendo o particípio passado de *ductus*, derivado de *ducere* que significa “conduzir, guiar”.⁵

Por sua vez, a pesquisadora Maria Anita Martins analisa que a etimologia da palavra *educação* é procedente do latim e apresenta dupla origem: do *educere* (fazer sair, tirar para fora, trazer à luz, educar) e do *educare* (criar, amamentar, sustentar, elevar, instruir, ensinar). Identificasse, portanto, a “complementaridade entre os processos de desenvolvimento e os seus resultados (*educere*), e a intervenção educativa (*educare*)”.⁶ Sendo compreendida como a ação de extrair de dentro, conduzir para fora, a *educação* pode ou deve conduzir o ser humano a um desenvolvimento mais igualitário, verdadeiro e eficaz na solução de conflitos, no recuo de realidades injustas e desumanas, e no alcance da qualidade de vida sustentável para todos e todas.

O educador José Carlos Libâneo apresenta uma distinção entre *educação*, *instrução* e *ensino*, que nos possibilita aprofundar o conceito de *educação* e especificar seu campo de ação:

Educação é um conceito amplo que se refere ao processo de desenvolvimento unilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas – físicas, morais, intelectuais, estéticas – tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, num determinado contexto de relações sociais. [...] A *instrução* se refere à formação e desenvolvimento das capacidades cognitivas mediante o domínio de certo nível de conhecimentos sistematizados. O *ensino* corresponde a ações, meios e condições para realização da *instrução*.⁷

4 Antônio Geraldo da CUNHA. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1982, p. 284.

5 Antônio G. da CUNHA, op. Cit., p. 279.

6 Maria Anita Viviani MARTINS. *Educação*. In: Ivani Catarina Arantes FAZENDA (Org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 2.ed. São Paulo: Cortez 2002, p. 243.

7 J. C. LIBÂNEO, op. cit., p. 22-23.

A educação, enquanto processo de desenvolvimento, deve garantir o espaço, principalmente da infância⁸ e da juventude⁹, na sociedade, permitindo-lhes desempenhar sua função “no sistema educativo, [...] na família, na comunidade de base, na nação”.¹⁰ Nesse sentido, a *educação integral*, enquanto processo de desenvolvimento que considera as diferentes áreas de domínio (cognitivo, afetivo e atitudinal) e a *educação contínua*, ou seja, ao longo de toda a vida, são posturas possíveis e necessárias frente à rápida transformação que o mundo vive.

O relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI à UNESCO, coordenado por Jacques Delors, destaca especial importância aos quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser.

Aprender a conhecer é o pilar da educação “que visa [...] o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento” para que cada ser humano “aprenda a compreender o mundo que o rodeia”, vivendo dignamente, desenvolvendo suas capacidades individuais e coletivas,

8 Segundo Philippe ARIÈS, na obra *História social da criança e da família*, 2.ed. Rio de Janeiro: LTC 1981, p. 29-68, a infância foi descoberta por volta do século XIII. Pela perspectiva histórica, apresentada por Áries, percebem-se as origens de alguns preconceitos que se tem em relação à infância nos dias atuais. A falta de vocabulário que definisse cada etapa da vida, a pseudoconcepção sobre a alma da criança, a fragilidade dos primeiros anos de vida que provocavam sua dependência denotavam na criança um ser sem importância. Penso que essa concepção de infância sem importância é muito forte nos dias de hoje ainda. Para alguns segmentos da sociedade, como indústria e comércio, por exemplo, a criança é um ser invisível, que não responde autonomamente pelo poder aquisitivo. Se ela está sozinha na fila do caixa de supermercado, é menosprezada em relação aos adultos que ali também se encontram. Por outro lado, a mesma indústria e comércio se aproveitam dos interesses da infância para estimular o mercado. Aurélio Buarque de HOLANDA FERREIRA, em seu *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1986, p. 942, define a *infância* como o período de crescimento, no ser humano, que vai do nascimento até a puberdade, ou ainda, período de vida que vai do nascimento à adolescência, extremamente dinâmico e rico, no qual o crescimento se faz, concomitantemente em todos os domínios.

9 Luís Antonio GROPPPO, em *Dialética das juventudes modernas e contemporâneas*, Revista de Educação do Cogeime, v. 13, n. 25, dez. 2004, p. 9-22, busca demonstrar “que a juventude é uma realidade social”, diferente da concepção da Biologia e da Psicologia que “tendem a considerar a juventude [...] como uma transformação físico-mental universal e compulsória a todo indivíduo”. Juventude era “um período transitório no qual os agentes sociais seriam treinados para a aquisição de requisitos mínimos de civilidade, cidadania, consciência social e criatividade cultural”. Groppo defende ainda que “na modernidade, a juventude tende a ser uma categoria social derivada da interpretação sócio-cultural dos significados da puberdade, este sim, um fenômeno natural e universal”.

10 Jacques DELORS (Org.), *Educação: um tesouro a descobrir*, p. 11.

e isso tudo com prazer. **Aprender a conhecer** “permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir”.¹¹ **Aprender a conhecer** significa aprender a aproveitar ao máximo as oportunidades que se apresentam ao longo de toda a vida.

Aprender a fazer é apresentado como a aprendizagem que tem por propósito “ensinar o aluno a pôr em prática os seus conhecimentos e [...] adaptar a educação ao trabalho futuro”.¹² Não basta preparar a qualificação, é preciso desenvolver a competência.¹³ A qualificação está orientada para uma área e um tempo restritos, enquanto a competência busca a aprendizagem de comportamentos eficazes para momentos e ambientes incertos, em que se exige discernimento e criatividade na inovação e criação de idéias, soluções, produtos e recursos. **Aprender a fazer** engloba experiências espontâneas do contexto local e práticas formais da relação do ensino com o trabalho.

Um dos maiores desafios da educação para o século XXI está em **aprender a viver com os outros**. Essa educação busca “transmitir conhecimentos sobre a diversidade, [...] as semelhanças e a interdependência entre todos os seres humanos”. Começando pela descoberta de si mesmo será possível colocar-se “no lugar dos outros e compreender as suas reações”.¹⁴ Desenvolver a curiosidade e o espírito crítico fortalece a capacidade de abertura à alteridade. Saber dialogar, trocar argumentos e participar de projetos comuns são os instrumentos necessários para a aprendizagem da resolução de tensões e conflitos, hoje muito mais do que nunca. **Aprender a viver com os outros** acontece quando se respeita os valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

Por último, porém de igual importância, aparece o pilar **aprender a ser**, através do qual “a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido

11 Jacques DELORS (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*, p. 90-91.

12 Jacques DELORS (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*, p. 93.

13 O termo competência, para Hugo ASSMANN, em *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis: Vozes 2000, capítulo 6, aparece como “um patamar mínimo para que as novas gerações estejam preparadas para aprender a aprender e aprender por toda a vida”. Para Bernard REY, em *As competências transversais em questão*. Porto Alegre: Artmed 2002, capítulo 1, a competência é uma “atividade intelectual [...], utilizável em toda circunstância” e, a “faculdade de discernimento da pertinência, ou seja, [...] capacidade de fazer uso do saber”.

14 Jacques DELORS (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*, p. 97-98.

estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade”.¹⁵ **Aprender a ser** exige o preparo para o exercício da autonomia com responsabilidade crítica, a partir do autoconhecimento e autocompreensão, frente às diferentes circunstâncias da vida. A imaginação, a criatividade, a liberdade de pensamento, os sentimentos e a capacidade de discernimento são necessários para o desenvolvimento da identidade e de talentos do indivíduo.

O educador Paulo Freire define a educação como o processo permanente de transformação da realidade para o ser humano ser mais humano, que “implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem [...] feita com outros seres que também procuram ser mais”¹⁶, é o ato de conhecer, em que professor e aluno são sujeitos cognitivos, agentes críticos.

Para Maria Amélia Santoro Franco, “a educação é uma prática social humana; é um processo histórico, inconcluso, que emerge da dialeticidade entre homem, mundo, história e circunstâncias [...], transforma-se pela ação dos homens e produz transformações nos que dela participam”.¹⁷ É, portanto, uma atividade que intervém na vida das pessoas, e envolve a aquisição, a elaboração e a produção de conhecimentos, sensibilidades, valores, práticas e atitudes.

II. EDUCAÇÃO CRISTÃ

Nessa perspectiva de educação, pode-se definir a educação cristã como a educação vista a partir da e para a fé cristã. Ou seja, a ação que conduz o ser humano a um desenvolvimento mais igualitário, verdadeiro e eficaz na solução de conflitos, no recuo de realidades injustas e desumanas, e no alcance da qualidade de vida sustentável para todos e todas, através da intervenção deliberada e estruturada na maneira como as pessoas vivem, envolvendo a aquisição, a elaboração e a produção de conhecimentos, sensibilidades, valores, práticas e atitudes, com base nos fundamentos da fé cristã.

Perez defende que “a educação é cristã quando leva a origem da fé cristã – a História de Jesus –, e a recria. [...] A educação é cristã quando não somente fala de Deus, mas que também leva a encontrá-lo [...] em

15 Jacques DELORS (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*, p. 99.

16 Paulo FREIRE. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1979, p. 27-28.

17 Maria Amélia Santoro FRANCO. *Pedagogia como ciência da educação*. Campinas: Papirus 2003, p. 73.

Jesus Cristo”¹⁸ (tradução própria). É preciso que a educação cristã capacite as pessoas a tornar o Reino de Deus presente na história da humanidade, a partir da vivência de atitudes inspiradas na fé cristã.

O objeto da ação educativa da educação cristã não se restringe ao conhecimento de algum conteúdo, de algo cognitivo, mas integra, indissociavelmente, a fé como objeto cognitivo e como dimensão subjetiva da relação humana. A fé é uma característica fundamental e universal da vida humana que busca pelo relacionamento com o transcendente. Paul Tillich, ao definir a fé, apresenta dois conceitos complementares. Para ele fé: a) *é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente*: é um interesse que exige obediência cega, independente de seu conteúdo, e utiliza-se da força de ameaças e promessas; b) *é um ato da pessoa como um todo*: vem do centro da pessoa, atinge a globalidade do ser e transcende a dinâmica da vida humana¹⁹. Essa definição pode ser acrescida com o pensamento do evangelho de Lucas, capítulo 12, versículo 34, em que Jesus diz: “*pois onde estiverem as suas riquezas, aí estará o coração de vocês*”.²⁰ A metáfora do coração entendida como centro da vontade humana e a fé como a riqueza, o tesouro que orienta escolhas e decisões.

Ainda segundo Tillich, a fé contém conhecimento, sentimento e vontade. A predominância de um ou outro desses elementos pode determinar o caráter da fé. Segundo o pensamento do apóstolo Paulo, apresentado na carta aos Romanos²¹, capítulo 10, versículo 17 “*a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem vem por meio da pregação*”. Portanto, fé tem relação com o conhecimento que se tem a respeito do objeto da fé. Quem crê, crê em algo, o que explicita a relação do sujeito e do objeto da fé. Quando alguém está “tomado pelo que é verdadeiramente incondicional”, se diz que possui fé verdadeira. Diferente da fé falsa que coloca algo passageiro e finito como objeto de sua fé, e pode gerar frustração existencial.

Ao se procurar pelas coisas da fé, encontram-se as coisas do sagrado, daquilo que está “separado do mundo do cotidiano e das experiências comuns das pessoas”.²² A dinâmica da fé se confirma na

18 I. PEREZ. *Teología de la educación. Tesis provisionales (Extractos)*. Bogotá: Indo-American Press Service 1980. In: PREISWERK, Matthias (Ed.). *Un telar para la educación: avances y materiales*. Curitiba: CELADEC 1996, p. 95. “*La Educación es cristiana cuando lleva al origen de la fe cristiana – la Historia de Jesús –, y la recrea. [...] La Educación es cristiana cuando no sólo habla de Dios, sino que lleva a encontrarle.*”

19 Paul TILLICH. *Dinâmica da fé*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal 1996, p. 5-24.

20 *BÍBLIA Sagrada: nova tradução na linguagem de hoje*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil 2000, p. 62.

21 *BÍBLIA Sagrada*, p. 131.

22 Paul TILLICH, *Dinâmica da fé*, p. 13-14.

dinâmica do sagrado. O sagrado pode se expressar de dois modos: um criador e um destruidor, similar ao conceito de fé verdadeira e fé falsa. A fé, independente de ser verdadeira ou falsa, independente de ter como objeto algo incondicional e infinito ou passageiro e finito, continua sendo fé. O sagrado “tem um lado criador e outro destruidor [...], sendo que o aspecto divino se manifesta na vitória das possibilidades criadoras sobre as destruidoras do sagrado, ao passo que inversamente o demoníaco representa o aspecto destruidor do sagrado”. O sagrado, independente de ser criador, ou de ser destruidor, continua sendo sagrado.

Da fé fazem parte, ao mesmo tempo, certeza e incerteza. Certeza com base num conhecimento, numa experiência do sagrado; incerteza com base no elemento finito que busca o infinito, o relativo que busca o absoluto, o condicionante que obedece ao incondicional. A carta aos Hebreus, capítulo 11, cita exemplos de personagens do Antigo Testamento conhecidos por atos de fé, que mudaram suas vidas e do povo do qual faziam parte. Na referida carta, os versículos 1 e 6 definem a fé como sendo “*a certeza de que vamos receber as coisas que esperamos e a prova de que existem coisas que não podemos ver. [...] Sem fé ninguém pode agradar a Deus, porque quem vai a ele precisa crer que ele existe e que recompensa os que procuram conhecê-lo melhor.*”²³ Portanto, a dúvida faz parte da fé. Sem dúvida, a fé não se confirma. Crer é um risco que exige coragem, pois a fé pode apresentar um fracasso, uma ilusão, uma decepção. Esse risco, porém, não pode ser eliminado. Na verdade, a dúvida é a grande certeza que sustenta a fé.

Paul Tillich ainda ressalta a necessidade da **linguagem** e da **comunhão** para que o espírito humano possa se expressar com clareza sobre o conteúdo da fé. A fé precisa da linguagem do símbolo e do mito que se forma na comunhão entre pessoas ligadas ao mesmo conteúdo de fé. Dessa dinâmica entre fé, linguagem e comunhão surgiu o que conhecemos como confissão de fé, que poderia ser considerada como resultado desse processo de reconhecimento de certo conteúdo de fé, tido como comum a um grupo de pessoas.

Historicamente as confissões de fé foram usadas para defender o conteúdo da fé em comum contra as formas de fé consideradas falsas ou idólatras, aquelas que colocam elementos finitos e passageiros no lugar dos infinitos e incondicionais. Isso, porém, permitiu a repressão das dúvidas e tornou a fé estática. O protestantismo e depois o iluminismo tinham como alvo “uma fé dinâmica, e não a negação da fé nem a rejeição

23 *BÍBLIA Sagrada*, p. 183.

de certas doutrinas”.²⁴ Dúvida e risco fazem parte da dinâmica da fé e é exatamente isso que torna a fé viva. Na vida, muitos são os fatos que nos fazem questionar nossos conteúdos de fé, como forma de confirmá-los e fortalecer a fé, como afirma o apóstolo Paulo aos Romanos, capítulo 5, versículos 3 e 4, “*sabemos que os sofrimentos produzem a paciência, a paciência traz a aprovação de Deus, e essa aprovação cria a esperança*”.²⁵ Ou ainda aos Coríntios, capítulo 4, versículos 17 e 18,

*essa pequena e passageira aflição que sofreremos vai nos trazer uma glória enorme e eterna, muito maior do que o sofrimento. Porque nós não prestamos atenção nas coisas que se vêem, mas nas que não se vêem. Pois o que pode ser visto dura apenas um pouco, mas o que não pode ser visto dura para sempre.*²⁶

Essa busca humana pelo infinito, pelo que dura para sempre, fundamenta, justifica e incorpora a fé. E é nessa busca que o ser humano encontra os elementos para nutrir e fortalecer sua fé.

Hans-Jürgen Fraas explica que a fé, por ser “ação salvífica de Deus e [...] obra do Espírito Santo não pode ser ensinada”. Ela surge da relação entre Deus e o ser humano, e se concretiza no viver diário, através de “mudanças de comportamento em termos pragmáticos, afetivos e cognitivos. [...] Não é a fé que se desenvolve, mas sim a pessoa crente em suas formas de vida, em seus modos de expressão, em sua capacidade ideativa, etc.”²⁷ A educação cristã se ocupará em oportunizar o desenvolvimento das formas de vida, dos modos de expressão, das capacidades de pensar sobre e agir em resposta à fé cristã.

O teólogo católico Norbert Mette, por sua vez, afirma que “quem crê não sabe mais do que outro, não pode explicar melhor o mundo, mas vive e se relaciona com o mundo de maneira diferente”.²⁸ A fé vivida é um testemunho que convida a conhecer e aprofundar a relação com Deus e os outros. O exercício da fé cristã deveria produzir atitudes que revelam o desenvolvimento da pessoa que crê na sua maneira de viver a vida, como orienta o apóstolo Paulo, na carta aos Efésios, capítulo 4, versículos 15 e 21 a 24

falando a verdade com espírito de amor, cresçamos em tudo até alcançarmos a altura espiritual de Cristo, que é a cabeça. [...] Com

24 Paul TILLICH, *Dinâmica da fé*, p. 23.

25 *BÍBLIA Sagrada*, p. 126-127.

26 *BÍBLIA Sagrada*, p. 148.

27 Hans-Jürgen FRAAS. *A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião*. São Leopoldo: Sinodal 1997, p. 45-47.

28 Norbert METTE. *Pedagogia da religião*. Petrópolis: Vozes 1997, p. 160.

*certeza vocês ouviram falar dele e, como seus seguidores, aprenderam a verdade que está em Jesus. Portanto, abandonem a velha natureza de vocês, que fazia com que vocês vivessem uma vida de pecados e que estava sendo destruída pelos seus desejos enganosos. É preciso que o coração e a mente de vocês sejam completamente renovados. Vistam-se com a nova natureza, criada por Deus, que é parecida com a sua própria natureza e que se mostra na vida verdadeira, a qual é correta e dedicada a ele.*²⁹

Daniel Schipani fala em estilos de vida cristãos, em que “toda a personalidade, e todas as áreas do comportamento estão comprometidos no processo: o pensamento, os sentimentos, a vontade”. Para ele, a educação cristã é “o processo mediante o qual a fé se desperta, se alimenta e se desenvolve” e apela pela “vida completa das pessoas na comunidade de fé”.³⁰ Também Russel Haight destaca que

o objetivo da educação cristã é gerar um estilo de vida cristão, que [...] se refere [...] a como toda energia da vida humana é dirigida. [...] Os fins da educação não são apenas passar informações, ou então inculcar valores, mas sim, criar um modo de vida inteiro.³¹

Sociologicamente, Matthias Preiswerk entende a educação cristã como “as práticas dos cristãos e das igrejas nos diferentes campos da educação”³², vinculados ao seu compromisso cristão de seguir a Jesus Cristo e trabalhar por um reino de justiça e vida plena, que passa pela transformação da sociedade.

Para Antonio Vieira de Carvalho, o conteúdo principal da educação cristã “é o amor redentor e sustentador de Deus, transmitido através das relações pessoais”, na vida comunitária e “o crescimento

29 *BÍBLIA sagrada*, p. 159.

30 Daniel S. SCHIPANI. *El reino de Dios y el ministerio educativo de la iglesia: fundamentos y principios de educación cristiana*. USA: Editorial Caribe 1983, p. 15. “*Toda la personalidad, y todas las áreas del comportamiento están comprometidas en el proceso: el pensamiento, los sentimientos, la voluntad. [...] el proceso mediante el cual la fe se despierta, se alimenta y se desarrolla. [...] la educación cristiana ha de apelar a la vida completa de las personas en la comunidad de fe.*” [Trad.: MWR].

31 Russell HAITCH. A summary of James E. Loder’s theory of Christian Education. In: WRIGHT & KUNTZEL. *Redemptive transformation in practical theology*. Cambridge: William B. Eerdmans 2004, p. 300. “*the aim of Christian education is to engender a Christian lifestyle, where [...] refers [...] to how all the energy of a human lifetime is directed. [...] The telos of education is not just passing on information, or even instilling values, but rather creating a whole way of life.*” [Trad.: MWR].

32 Matthias PREISWERK (Ed.). *Un telar para la educación: avances y materiales*. Curitiba: CELADEC 1996, p. 91. “*a las prácticas de los cristianos y de las iglesias en los diferentes campos de la educación*”. [Trad.: MWR].

espiritual é produzido à medida que o educando é preparado para responder, com fé, ao dom gratuito da graça divina”. Ele destaca a educação cristã para a liberdade, “orientada pelo princípio do amor no serviço ao outro”³³, com base no ensino de Paulo transcrito no livro aos Gálatas, capítulo 5, versículo 13: “*porém vocês, irmãos, foram chamados para serem livres. Mas não deixem que essa liberdade se torne uma desculpa para permitir que a natureza humana domine vocês. Pelo contrário, que o amor faça com que vocês sirvam uns aos outros*”.³⁴

Para Danilo Romeu Streck, educação cristã “é aquela prática educativa construída sobre uma visão de ser humano e de sociedade na relação explícita com a fé cristã, na perspectiva do Reino de Deus”.³⁵ Essa prática educativa estabelece princípios, valores, atitudes, compromissos e desafios para a educação em diálogo com a fé cristã. Aprender, ensinar e crer fazem parte da dinâmica da vida.

Danilo R. Streck e Manfredo Carlos Wachs definem a educação cristã como “a tarefa formativa que a Igreja realiza com seus membros no sentido de habilitá-los a participarem da vida e dos compromissos de sua respectiva comunidade”, associada à visão e atuação pedagógica daqueles “que professam a fé cristã dentro da sociedade mais ampla”.³⁶ É, portanto, ao mesmo tempo, ensino da Palavra de Deus e vivência da fé cristã.

Gerson Fischer propõe a educação cristã “como um exercício de reflexão e ação que encontra seu ponto de partida no testemunho da Palavra de Deus”, associado “à confissão de fé no evangelho de Jesus Cristo, plenificando-se na vivência comunitária”.³⁷ Um exercício que envolve relação, ação e racionalidade. Ela deve aproximar a Palavra de Deus e a palavra humana, inserindo-se “de modo encarnado nas crises e frustrações do ser humano, capacitando-o a perceber o sofrimento e a solidariedade de um Deus ‘conosco’, que deseja promover sentido, dignidade e esperança para a vida”.³⁸

No pensamento evangélico luterano, fundamentado nos escritos

33 Antonio Vieira de CARVALHO. *Teologia da educação cristã*. São Paulo: Eclésia 2000, p. 33-39.

34 *BÍBLIA sagrada*, p. 156.

35 Danilo R. STRECK. *Correntes pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis: Vozes; Rio Grande do Sul: CELADEC 2005, p. 12.

36 Danilo R. STRECK; Manfredo C. WACHS. Educação cristã. In: Cristoph SCHNEIDER-HARPPRECHT (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal: ASTE 1998, p. 247.

37 Gerson FISCHER. *O paradigma da palavra: a educação cristã entre a modernidade e a pós-modernidade*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG 1998, p. 179.

38 G. FISCHER, *O paradigma da palavra*, p. 180.

bíblicos, Deus se revela e vem ao encontro das pessoas: “Deus dá prova do seu amor para conosco, em que, quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós”.³⁹ Ou ainda, “Nisto está o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. [...] Nós amamos, porque ele nos amou primeiro”.⁴⁰ É desejo de Deus que todos os seres humanos “sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”.⁴¹ E a fé é uma resposta de vida, “um projeto de existência que abrange todo o ser”⁴², que encontra e segue a Jesus Cristo, “o caminho, e a verdade, e a vida”⁴³, para se relacionar com Deus, com os outros e com a natureza.

Nessa direção, Pedro Kalmbach aponta a educação cristã como “uma aprendizagem conjunta que se realiza no intercâmbio e na convivência entre adultos, jovens e crianças, entre mulheres e homens, entre pessoas de diversas condições sócio-econômicas, de diferente origem social, étnica, cultural e com diferentes interesses”.⁴⁴ Esse intercâmbio e essa convivência acontecem a partir da concepção de batismo que une todas as pessoas num mesmo Corpo, em que se expressa o perdão de Jesus Cristo e a dignidade de cada pessoa. Essa educação é também conhecida como Educação Batismal, que implica ensinar o significado da graça de Deus e do próprio evangelho. Educação cristã e batismo caminham juntos desde a comissão de Jesus aos discípulos, que aparece no evangelho de Mateus, capítulo 28, versículos 19 e 20, onde Ele diz “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”.⁴⁵

Na definição de Martinho Lutero, o batismo é a água ligada à Palavra de Deus, é água de vida, conforme a carta do apóstolo Paulo a Tito, capítulo 3, versículos 5 a 7, Deus “nos salvou mediante o lavar da regeneração e renovação pelo Espírito Santo, que ele derramou

39 A *BÍBLIA sagrada: antigo e novo testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Versão revisada. Versão Digital (FreeWare) 2.7, julho 2002. Na epístola de Paulo aos Romanos, capítulo 5, versículo 8.

40 A *BÍBLIA sagrada*, 2002. Na primeira epístola de João, capítulo 4, versículos 10 e 19.

41 A *BÍBLIA sagrada*, 2002. Na primeira epístola de Paulo a Timóteo, capítulo 2, versículo 4.

42 Norbert METTE, *Pedagogia da religião*, p. 159.

43 A *BÍBLIA sagrada*, 2002. No evangelho segundo João, capítulo 14, versículo 6.

44 Pedro KALMBACH. *Bautismo y educación: contribuciones para el actuar pedagógico comunitario*. 1ª ed. Buenos Aires: el autor 2005, p. 254. “un aprendizaje conjunto que se realiza en el intercambio y en la convivencia entre adultos, jóvenes y niños, entre mujeres y hombres, entre personas de diversas condiciones socio-económicas, de diferente origen social, étnico, cultural y con diferentes intereses”.

45 A *BÍBLIA sagrada*, 2002.

abundantemente sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador; para que, sendo justificados pela sua graça, fôssemos feitos herdeiros segundo a esperança da vida eterna".⁴⁶ Segundo a explicação de Lutero "o velho homem em nós, por contrição e arrependimento diários, deve ser afogado e morrer com todos os pecados e maus desejos, e, por sua vez, sair e ressurgir diariamente novo homem, que viva em justiça e pureza diante de Deus eternamente".⁴⁷

Uma comunidade cristã que batiza deveria assumir sua responsabilidade pela formação cristã "que possibilite às pessoas viver a partir de seu batismo e em função dele"⁴⁸, envolvendo a pessoa de forma integral (todas as áreas e dimensões de sua vida) e contínua (por toda a vida).

Manfredo C. Wachs distingue a Educação Cristã (com iniciais maiúsculas) "como disciplina integrante da grade curricular dos seminários teológico-pedagógicos e como disciplina do processo educativo desempenhado pelos institutos de capacitação contínua", da educação cristã (com iniciais minúsculas) como "prática educativa realizada nas comunidades eclesiais e nas famílias cristãs, através dos diversos contextos educacionais". Esta última ainda é classificada em educação cristã *familiar* e educação cristã *comunitária*. No ambiente familiar, "a difusão do evangelho é realizada de forma espontânea e assistemática através de vivência, instrução, atitudes e cultura religiosa", enquanto na comunidade de fé, além de divulgar o evangelho, busca-se "instruir as pessoas sobre o significado do seu conteúdo e auxiliá-las no testemunho da fé"⁴⁹, de forma intencional, sistemática e deliberada.

Na comunidade de fé são diversos os contextos em que é possível desenvolver a educação cristã. Na IECLB, os contextos conhecidos e estruturados com o propósito de articular a educação cristã na comunidade de fé são: culto infantil, escola dominical, semana bíblica de férias, ensino confirmatório, grupos de jovens, estudos bíblicos, reuniões da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas - OASE, curso ALPHA, cursos de formação continuada na fé, encontros de discipulado, pregação nos cultos, palestra batismal, curso de noivos. Enfim, todo encontro em que a Palavra

46 *A BÍBLIA sagrada*, 2002.

47 Martinho LUTERO. Os catecismos. In: *Livro de Concórdia*. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal 1983, p. 376.

48 Pedro KALMBACH. Educação cristã contínua: sua fundamentação a partir do batismo. In: Romeo R. MARTINI (Org.). *Batismo e educação cristã: por uma vivência diária da fé*. São Leopoldo: Sinodal 2006, p. 26.

49 Manfredo Carlos WACHS. *O ministério da confirmação: contribuição para um método*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG 1998, p. 107-109.

de Deus esteja sendo utilizada como orientação e testemunho para a vida a partir da fé cristã, entre as diversas gerações que participam da vida na comunidade. Esses são os principais contextos. Entretanto, considerando a versatilidade de lideranças e as necessidades emergentes como o trabalho com idosos, o leque de expressão e atuação da educação cristã pode se ampliar.

III. TAREFAS DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Quando a educação cristã acontece a partir de um grupo de pessoas cristãs, ela deve promover a expressão do relacionamento com o transcendente a partir da vocação cristã que conclama: “*Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças. [...] Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que esses*”⁵⁰, conforme o evangelho de Marcos, capítulo 12, versículos 30 e 31.

Se esse for o princípio válido para a educação cristã, a aquisição, a elaboração e a produção desse conhecimento deveriam promover a vivência da espiritualidade nas relações sociais que os cristãos mantêm na sociedade em que vivem dentro e fora do espaço eclesialístico.

Vivenciar a fé cristã nessa perspectiva implica conseqüências pessoais, para o grupo e para a sociedade. A fluidez das idéias e valores contemporâneos parece obscurecer a existência dessas conseqüências. Ao que parece, nossa realidade, em pleno século XXI, não é muito diferente daquela que Lutero vivenciou quando disse:

O homem comum simplesmente não sabe nada da doutrina cristã, especialmente nas aldeias. E, infelizmente, muitos pastores são de todo incompetentes e incapazes para a obra do ensino. Não obstante, todos pretendem o nome de cristãos, estão batizados e fazem uso dos santos sacramentos. Não sabem nem o Pai-Nosso, nem o Credo, nem os Dez Mandamentos. Vão vivendo como os brutos e os irracionais suínos.⁵¹

Denominar-se cristão é muito mais do que pertencer a um grupo religioso. Também é de Lutero a frase que diz: “Uma pessoa cristã não vive em si própria, mas em Cristo e em seu próximo. Em Cristo, pela fé; no próximo, pelo amor”.⁵² Ser cristão significa descobrir em Jesus Cristo o mediador⁵³ da relação entre Deus e os seres humanos e “aceitar Jesus

50 *A BÍBLIA sagrada*, 2002.

51 Martinho LUTERO, op. cit., p. 363.

52 Martinho LUTERO, citado nas *Senhas Diárias*. São Leopoldo: Sinodal 2006, p. 19.

53 *A BÍBLIA sagrada*, 2002. Na primeira epístola de Paulo a Timóteo, capítulo 2, versículo 5.

Cristo como Senhor e Salvador”.⁵⁴ Ou seja, “a fé cristã é uma vida vivida em resposta ao Reino de Deus em Jesus Cristo”.⁵⁵ Quando um grupo de pessoas se confessa cristão, deveria testemunhar o que o ensino de Jesus Cristo significa em palavras proclamadas, sentimentos celebrados e ações vivenciadas. Quando uma sociedade entende o Reino de Deus como fruto da cooperação entre Deus e os seres humanos, essa perspectiva deveria nortear suas ações, estruturas e organizações de forma responsável, crítica e radical.

Se a educação cristã intervém na vida das pessoas, implicando conseqüências pessoais, grupais e sobre a sociedade como um todo, se ela envolve a aquisição, a elaboração e a produção de conhecimentos, sensibilidades, valores, práticas e atitudes com base na vocação cristã, então ela abrange a totalidade do ser que comporta três áreas: o intelecto, as emoções e o caráter, e desenvolve-se nas dimensões: cognitiva, afetiva e atitudinal.

Thomas Groome identifica essas três dimensões na fé cristã⁵⁶ que cooperam para a totalidade do ser, com base nas três dimensões apresentadas por Tillich quando diz que “a fé, do ponto de vista bíblico, é um ato de toda a personalidade. Dela participam a vontade, o conhecimento e a emoção”.⁵⁷ Elas deverão ser consideradas para se alcançar com mais eficácia o propósito da educação cristã de conduzir as pessoas no caminho ao crescimento na fé.

Da dimensão *cognitiva* fazem parte a atividade de crença, o conhecimento historicamente acumulado e a interpretação da experiência humana. Somos convidados a pensar sobre o que cremos e tentar compreender o que se espera de nós, cristãos. A tarefa da educação cristã a partir dessa dimensão envolve a instrução quanto à expressão da fé e o aprofundamento de sua compreensão.

Na dimensão *afetiva* existe a atividade de confiança, a relação de amizade entre nós e Deus que molda e é moldada pela relação que desenvolvemos com outras pessoas. Somos convidados a confiar em Deus para desenvolver nosso relacionamento com Ele. A tarefa educacional que se apresenta é de sustentar o crescimento espiritual das pessoas, aprofundar sua relação com Deus em Jesus Cristo, pela admiração e reverência, e promover a relação de amizade e compromisso entre todas as pessoas.

54 Thomas H. GROOME. *Educação religiosa cristã: compartilhando nosso caso e visão*. São Paulo: Paulinas, 1985.p.84.

55 Thomas GROOME, op. cit., p. 94.

56 Thomas GROOME, op. cit., p. 124-128.

57 Thomas GROOME, op. cit., p. 105.

Na dimensão *atitudinal*⁵⁸, a atividade é de ação. Somos convidados a participar no mundo, a abraçar a vida com alegria, esperança, paz e, a amar a Deus amando outras pessoas, colocando a vida a serviço do amor. A educação cristã tem a tarefa de promover a coragem de viver em resposta ao presente de Deus, e a coerência entre a fé confessada e as atitudes de participação no mundo.

Da mesma forma, relaciono estas três dimensões com os três conceitos essenciais da comunicação apresentados por Howard Hendricks⁵⁹, denominados por Sócrates como *ethos*, *pathos* e *logos*. Ethos diz respeito ao caráter, à credibilidade e à credencial do educador. No dizer de Sócrates “o nosso jeito de ser é mais importante do que o que dizemos ou fazemos”. O caráter gera *confiança*. Pathos diz respeito à afetividade, à maneira como o educador “desperta as emoções e sentimentos” de e em seus educandos, porque “são as emoções que afinal determinam o rumo de nossos atos”. A afetividade gera a *motivação para aprender*. E Logos diz respeito ao conteúdo, à nossa argumentação, ao processo que produz compreensão do fato. O conteúdo é responsável por gerar, no educando, a *percepção* de quais ações, atitudes são mais apropriadas e requisitadas dele. O caráter está relacionado à dimensão atitudinal; a afetividade, à dimensão afetiva, e o conteúdo, à dimensão cognitiva. Atender às necessidades de cada dimensão é determinante para produzir confiança, motivação e percepção na educação cristã.

Dessas dimensões da fé cristã convém direcionar a tarefa da educação cristã através dos seguintes objetivos de ensino: saber, sentir, fazer. Ou seja, para cada conteúdo de fé que se queira que os educandos *saibam*, é preciso considerar seus sentimentos para que eles *sintam*, e como consequência, *façam/ajam* de acordo com o esperado, de forma a tornar a educação cristã mais eficiente. A esses objetivos pode-se integrar o conceito dos quatro pilares da educação da UNESCO trazidos no início.

Ao objetivo de ensino **saber** corresponde o **aprender a conhecer**, englobando as aprendizagens de compreender o mundo, viver dignamente, desenvolver capacidades individuais e coletivas, favorecendo o despertar da curiosidade intelectual, estimulando o sentido crítico e permitindo a aquisição de autonomia na capacidade de discernir, para aproveitar o

58 Thomas Groome utiliza o termo comportamental, decorrente do pensamento comportamentalista. Numa reinterpretação e apropriação do conceito, optamos pela expressão atitudinal, por três motivos: 1) é mais abrangente, 2) tem relação direta com a ética e 3) tem conexão com a teoria de conteúdos.

59 Howard HENDRICKS. *Ensinando para transformar vidas*. Belo Horizonte: Betânia 1991, p. 91-94.

máximo das oportunidades ao longo de toda a vida.

Ao objetivo de ensino **sentir** corresponde o **aprender a ser**, que leva em conta a pessoa integral (espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade). O desenvolvimento da identidade e de talentos da pessoa acontece a partir do autoconhecimento, da autocompreensão, da imaginação, da criatividade, da liberdade de pensamento, dos sentimentos e da capacidade de discernimento.

E ao objetivo de ensino **fazer** corresponde o **aprender a fazer**, engloba experiências espontâneas, ensinando a pôr em prática os conhecimentos, através de comportamentos eficazes e da capacidade de discernimento e criatividade.

Na combinação desses três objetivos de ensino ou pilares da educação é que se pode pensar em desenvolver o **viver com os outros**, pois é a partir dos conhecimentos, sentimentos e atitudes individuais, na relação com Deus que se quer estabelecer a relação de respeito e interdependência com os outros e o mundo.

Em síntese, o ser humano é convidado por Deus, através de Jesus Cristo, para a vivência plena da fé, que se expressa de forma vivenciada. A educação cristã deve contribuir no processo de desenvolvimento dos seres humanos na prática, na vivência da fé, conduzindo as pessoas da *crença* (ação cognitiva), pela *confiança* (ação afetiva), para a *atitude* (ação atitudinal). No dizer de Groome “conduzir para fora’ requer que estejamos, nós próprios, sempre indo para dentro para ir para fora, e que nos dediquemos a transformar-nos na semelhança daquele a cuja Imagem estamos formando e sendo formados”.⁶⁰

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA sagrada: antigo e novo testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Versão revisada. Versão Digital (FreeWare) 2.7, julho 2002.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC 1981.
- ASSMANN, Hugo Assmann. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*, Petrópolis: Vozes 2000.
- BÍBLIA Sagrada: nova tradução na linguagem de hoje*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil 2000.
- CARVALHO, Antonio Vieira de. *Teologia da educação cristã*. São Paulo:

⁶⁰ Thomas GROOME, op. cit., p. 382.

Eclésia 2000.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1982.

DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. 6.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1986.

FISCHER, Gerson. *O paradigma da palavra: a educação cristã entre a modernidade e a pós-modernidade*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG 1998.

FRAAS, Hans-Jürgen. *A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião*. São Leopoldo: Sinodal 1997.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pedagogia como ciência da educação*. Campinas: Papirus, 2003.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1979.

GROOME, Thomas H. *Educação religiosa cristã: compartilhando nosso caso e visão*. São Paulo: Paulinas 1985.

GROPPO, Luís Antonio. *Dialética das juventudes modernas e contemporâneas*. Revista de Educação do Cogeime, v. 13, n.25, dez. 2004.

HAITCH, Russell. A summary of James E. Loder’s theory of Christian Education. In: WRIGHT & KUNTZEL. *Redemptive transformation in practical theology*. Cambridge: William B. Eerdmans 2004.

HENDRICKS, Howard. *Ensinando para transformar vidas*. Belo Horizonte: Betânia 1991.

KALMBACH, Pedro. *Bautismo y educación: contribuciones para el actuar pedagógico comunitario*. 1ª ed. Buenos Aires: el autor 2005.

KALMBACH, Pedro. Educação cristã contínua: sua fundamentação a partir do batismo. In: MARTINI, Romeo R.(Org.). *Batismo e educação cristã: por uma vivência diária da fé*. São Leopoldo: Sinodal 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 7. reimpr. São Paulo: Cortez 1994.

LUTERO, Martim. In: *Senhas Diárias*. São Leopoldo: Sinodal 2006.

LUTERO, Martinho. Os catecismos. In: *Livro de Concórdia*. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal 1983.

MARTINS, Maria Anita Viviani. Educação. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 2.ed. São Paulo: Cortez 2002.

METTE, Norbert. *Pedagogia da religião*. Petrópolis: Vozes 1997.

PEREZ, I. Teología de la educación. Tesis provisionales (Extractos). Bogotá: Indo-American Press Service, 1980. In: PREISWERK, Matthias

(Ed.). *Un telar para la educación: avances y materiales*. Curitiba: CELADEC 1996.

PREISWERK, Matthias (Ed.). *Un telar para la educación: avances y materiales*. Curitiba: CELADEC 1996.

REY, Bernard. *As competências transversais em questão*. Porto Alegre: Artmed 2002.

SCHIPANI, Daniel S. *El reino de Dios y el ministerio educativo de la iglesia: fundamentos y principios de educación cristiana*. USA: Editorial Caribe 1983.

STRECK, Danilo R. *Correntes pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis: Vozes; Rio Grande do Sul: CELADEC 2005.

STRECK, Danilo R., WACHS, Manfredo C. Educação cristã. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal: ASTE 1998.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

WACHS, Manfredo Carlos. *O ministério da confirmação: contribuição para um método*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG 1998.